

# IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

**Produção de subjetividade, a rua e eu: Movimento Nacional de População de Rua**

**AUTOR PRINCIPAL:** Camila Ferraz Bortolini

**CO-AUTORES:** .

**ORIENTADOR:** Robert Filipe dos Passos.

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo.

## **INTRODUÇÃO:**

Sempre me disseram que o trabalho de conclusão de curso teria que abordar um assunto que me encantasse, tive certeza do meu tema quando escutei a fala de um militante do Movimento Nacional de População de Rua (MNPR), que relatou sua história de vida e notei que o movimento social estava presente na sua trajetória de conquistas pessoais e sociais. Deparei-me com um novo dispositivo de cuidado, para Leite e Dimenstein (2010) os movimentos sociais têm uma incidência marcante nos processos de subjetivação dos sujeitos.

Para Guattari (1992) a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais, precisa ser considerada como algo plural que não tem nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras, sendo mutável e produzido. Nesse sentido, vi que era possível partir do princípio de que a militância pode exercer um papel importante no cuidado e na constituição desses sujeitos, ou seja, na produção de subjetividade.

## **DESENVOLVIMENTO:**

Pesquisar sobre o MNPR, instituição que articula a luta em defesa dos direitos e por políticas públicas para a População em Situação de Rua (PSR), fez com que eu me desafiasse em diversos sentidos. O primeiro deles foi a distância geográfica, me propus viajar para Porto Alegre mensalmente para realizar as entrevistas. O segundo, e para mim o mais intenso, foi descobrir meu modo de agir-pesquisar-sentir com essas pessoas que vivem em uma realidade que aparentemente se distanciava da minha.

Mal sabia eu que pesquisar é emaranhar-se, misturar-se, afetar-se com o processo de pesquisa, é ser atravessada e inundada pelos encontros (ABRAHÃO et al. 2014). Me inserir nesse mundo me despertou o desejo de lançar um olhar para além da doença, da pobreza, da invisibilidade e do desvalor da PSR, mas sim para sua subjetividade, sua

# IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



força, seu protagonismo e suas potencialidades, a fim de confortar o senso comum e os estereótipos.

Até então foram realizadas quatro entrevistas, nas quais buscou-se compreender a trajetória e tempo de vida na rua, o tempo de militância e influência dessa, os encontros aconteceram na rua, na Escola Porto Alegre (EPA) e no Centro POP I de Porto Alegre. Essas entrevistas/diálogos/trocas carregam em si uma intensidade enorme de significados que por várias vezes denotam o caráter constituinte do movimento social.

R., diz que “foi o movimento que me fez me olhar e conseguir entender que eu não precisava ser eternamente a vítima da minha própria história”, afirma que antes de se inserir no movimento era muito tímido e com o tempo de militância conseguiu desenvolver espaço de fala, coragem para lutar por seus direitos e investir em sua formação. Antes de entrar no movimento, há cinco anos atrás, não tinha o ensino fundamental completo, hoje cursa Serviço Social.

Para P., militante do MNPR e jornalista do Jornal Boca de Rua, “o maior retorno é como eu consegui mudar minha vida através do jornal e do movimento, (...) através deles, eu tive a oportunidade de entrar dentro de uma faculdade, uma universidade, pra dar palestra (...) e hoje eu tô aqui conversando contigo, com uma aluna de psicologia, tá entendendo? Pra mim, esse é o maior prêmio”.

B. relata que o movimento fez com que ele pudesse “(...) reconhecer os direitos. Agora a gente não precisa ficar baixando a cabeça por que não sabe, agora a gente sabe e luta de frente, de igual pra igual. O direito é igual pra todos”. B. me mostrou que a vida na rua pode ser uma possibilidade de existir no mundo, de resistir as normas sociais que nos são impostas, para ele “a rua é preferência”.

D. considera o “(...) movimento como um pertence, você tem que pertencer a um grupo social, não dá pro homem viver sozinho”. D. foi viver na rua por não aceitar as maneiras indignas de trabalho que foi submetido ao longo da vida, “não vou produzir pra esses capitalistas sem vergonha, essas empreiteiras ladra”, para ele viver na rua um ato de resistência ao capitalismo..

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Entrar em contato com o MNPR e os militantes está sendo um processo de descoberta e desconstrução, de reconhecimento das pessoas em situação de rua como agentes transformadores de lógicas, de maneiras de vida, tão dignas quanto as aceitas socialmente. Mesmo com resultados preliminares, nota-se que o movimento social tem exercido um papel importante nos processos de subjetivação desses militantes.

## REFERÊNCIAS:

FÉLIX, G. Caosmose: Um novo paradigma estético. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

# IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



LEITE, J.; DIMENSTEIN, M. Movimentos sociais e produção de subjetividade: o MST em perspectiva. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 269-278, ago. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822010000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 abr. 2017.

ABRAHÃO et al. O pesquisador IN-MUNDO e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde (a título de fechamento, depois de tudo que escrevemos). In: GOMES; MERHY. *Pesquisadores IN-MUNDO: Um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental*. Editora Rede Unida, Porto Alegre, 1 ed., 2014.

**NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):**  
68168117.5.0000.5342

## **ANEXOS:**

Poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.